



CONTEXTO

Os ataques de 13 de novembro

Flores, velas e mensagens foram deixadas em um memorial improvisado na Praça da República (Place de La République) em Paris (França), após a série de ataques terroristas coordenados ocorridos em 13 de novembro de 2015. Nessa praça ocorrem tradicionalmente grandes manifestações populares, culturais e políticas. É um local simbólico aos sentimentos de liberdade, igualdade e fraternidade, caros aos parisienses.

Extremistas islâmicos foram responsabilizados pelos ataques que mataram 129 pessoas e deixaram centenas de feridos na cidade. Os alvos

foram a sala de concertos *Le Bataclan*, onde houve o maior número de vítimas, os restaurantes *Lê Carrión* e *Petit Cambodja* e o Estádio Nacional (*State de France*). Neste último, o presidente francês François Hollande (1954-) assistia a um jogo amistoso de futebol entre França e Alemanha. Após algumas explosões nas imediações do estádio, provenientes de granadas e a implosão de dois homens-bombas, o jogo foi paralisado e o presidente foi retirado às pressas do local pelos seguranças. A maior e mais organizada facção terrorista da atualidade reivindicou o atentado.

GUILLAUME PAVENZANA PRESS/CORBIS/FOOTARENA



Pessoas acendem velas em frente ao Monumento à República, em Paris (França), em 19 de novembro de 2015. No cartaz, lê-se: “Eles adoravam a França; eram vermelho e azul; Ludo e Yacinte¹⁵ foram mortos pelas balas dos terroristas”.

15 Menção a duas das vítimas dos atentados.

1. Qual o nome da organização terrorista envolvida nos atentados a Paris e em quais países concentram-se as suas bases militares?
2. Quais elementos expressam o nacionalismo francês na imagem que mostra a homenagem às vítimas do ataque?

1 TERRORISMO: PANORAMA HISTÓRICO

Terrorismo é uma forma de ameaça sistemática à sociedade por meio de **atos de violência** e **disseminação do medo**. Ele pode ocorrer por ações de grupos clandestinos unidos por um ideal político, afinidades étnicas ou religiosas, por meio de atentados a alvos específicos (personalidades e instituições do Estado) ou a alvos indiscriminados, que atingem a população civil. O terrorismo também pode ocorrer por meio de ações do próprio Estado contra cidadãos ou organizações da sociedade civil, situação comum em regimes ditatoriais ou **Estados totalitários**.

O terrorismo ganhou relevância neste início do século XXI. Foi proclamado, acima das guerras entre países, como a principal **ameaça à humanidade**. Isso por conta da **imprevisibilidade** de suas ações e da **falta de visibilidade do inimigo**. O terrorismo e a luta contra ele têm sido temas obrigatórios nas relações internacionais.

Ações de caráter terrorista como instrumento de luta política passaram a ocorrer já no século XIX. Ao longo dos séculos XX e XXI, vários grupos promoveram atentados na Europa e em outras partes do mundo. As motivações, as estratégias e as consequências foram diversas, segundo o momento histórico e as nações envolvidas. Foi, inclusive, o estopim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) (figura 1), conflito que deixou mais de dez milhões de mortos e modificou radicalmente o panorama político internacional.



Figura 1. Em 1914, em visita a Sarajevo, capital da Bósnia – região anexada ao Império Austro-Húngaro –, o príncipe herdeiro Francisco Ferdinando (1863-1914) e sua esposa foram mortos num atentado cuja autoria foi atribuída a um estudante nacionalista sérvio ligado à organização Mão Negra. O atentado, de caráter terrorista, levou a Áustria-Hungria a declarar guerra à Sérvia e marcou o início do primeiro conflito de dimensões globais, a Primeira Guerra Mundial.

Mas foi durante o período da **Guerra Fria** que o terrorismo adquiriu dimensão internacional. Grupos terroristas de diversos matizes ideológicos de oposição a governos, ditatoriais ou não, foram formados em todos os continentes: nacionalistas em luta pela independência ou por maior autonomia nacional, seitas e grupos religiosos. Parte expressiva desses grupos, partidários de causas legítimas ou não, foram apoiados e incentivados pelos Estados Unidos ou pela ex-União Soviética.

Na década de 1970, surgiram na Europa diversas organizações terroristas de cunho político, somadas às já existentes IRA e ETA (veja no *Capítulo 2*): na Itália, as **Brigadas Vermelhas** (guerrilha urbana de extrema-esquerda contra o sistema capitalista); e na Alemanha, o **Baader Meinhof** (grupo guerrilheiro radical comunista, também conhecido como Faccção do Exército Vermelho). Esses grupos aterrorizaram a população europeia, mas conquistaram a simpatia de uma pequena parte dela.

ENTRE ASPAS

Estado totalitário

Estrutura de Estado aliçada em uma ideologia única; em valores propagados pelas instituições designadas que devem ser aceitos por todos os cidadãos; no controle de todos os aspectos da vida pública e privada; num partido único; num governo liderado por um ditador; no controle de todas as instituições do Estado, incluindo o poder judiciário; num sistema policial violento, que utiliza práticas terroristas e vigia permanentemente a população; no controle dos meios de comunicação de massa e das manifestações culturais e artísticas. São exemplos clássicos o nazismo, o fascismo e o regime de boa parte dos países que adotaram sistema socialista.

LEITURA

Assustadora história do terrorismo

De Caleb Carr.
Prestígio, 2003.

O livro aborda a história do terrorismo ao longo da história, indo da Roma Antiga até o atentado de 11 de setembro e as questões com o Iraque, com muitas imagens e texto em estilo jornalístico.

SITE

Wikileaks

<http://apublica.org/2013/04/conheca-plusd-biblioteca-de-documentos-diplomaticos-wikileaks/>

O site disponibiliza 2 milhões de documentos dos Estados Unidos sobre geopolítica global, incluindo a ditadura brasileira.

No Oriente Médio, considerado hoje o grande foco do terrorismo internacional, os primeiros grupos¹⁶ tiveram origem entre os judeus nacionalistas na Palestina, na década de 1930. Mas foi somente a partir da década de 1960 que ocorreu a disseminação de grupos terroristas na região, formados inicialmente por palestinos. Aos atentados terroristas cometidos por essas organizações, além de carros-bombas – utilizados originalmente por organizações europeias –, foi acrescentado o **terrorismo suicida**.

Terrorismo suicida

Método de terrorismo cuja ação resulta em dano físico ou na morte do terrorista. Em geral é realizado por meio de homens-bomba, terroristas que detonam explosivos presos ao corpo.

2 TERRORISMO LIGADO AO FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO

O islamismo é a religião que mais cresce no mundo. Em 2010, os 1,6 bilhão de muçulmanos que viviam no mundo representavam 23,2% da população mundial. Estima-se que serão 2,7 bilhões em 2050, 29,7% dos habitantes do planeta.¹⁷ Os muçulmanos estão espalhados, sobretudo, pelo Oriente Médio (20%), norte da África, Sudeste Asiático, onde se sobressai a Indonésia, além de Índia, Paquistão, Bangladesh e Turquia.

Fundado pelo líder religioso **Maomé** (570-632), no século VII, baseia suas crenças no **Corão**, ou Alcorão, o livro sagrado do Islã, também chamado de Livro de Deus (*Kitab Alah*). Os seguidores do islamismo são denominados muçulmanos.

A interpretação do Corão não é a mesma para todos os muçulmanos. Para os **fundamentalistas islâmicos**, determinados valores das sociedades ocidentais, como a liberdade de expressão e de religião, são incompatíveis com as leis do Corão. Para eles, o Ocidente, com seus valores, constitui uma ameaça à sociedade muçulmana.

ENTRE ASPAS

Fundamentalismo

Embora as discussões atuais sobre fundamentalismo refiram-se a grupos islâmicos que fazem uma interpretação restrita do Corão, o fundamentalismo religioso teve origem nos Estados Unidos, no século XIX, entre os conservadores teólogos protestantes.

De acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009), é um “movimento religioso conservador, nascido entre os protestantes dos Estados Unidos no início do século XX, que enfatiza a interpretação literal da Bíblia como fundamental à vida e à doutrina cristãs [embora militante, não se trata de movimento unificado, e acaba denominando diferentes tendências protestantes do século XX]”. Por extensão de sentido: “qualquer corrente, movimento ou atitude, de cunho conservador e integrista, que enfatiza a obediência rigorosa e literal a um conjunto de princípios básicos; integrista”. Integrista é a característica da pessoa que não aceita qualquer mudança nos princípios religiosos tradicionais.

Após os atentados de **11 de setembro de 2001** (figura 2, na página seguinte), houve uma grande expansão de grupos islâmicos de orientação fundamentalista ligados ao terrorismo. Estes grupos constituem uma ameaça interna em seus próprios países, mas podem atuar em qualquer parte do mundo.

Além dos esforços de preservação cultural, o crescimento do fundamentalismo islâmico está relacionado aos sucessivos fracassos econômicos e políticos dos governos de vários países muçulmanos da Ásia e do norte da África. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, esses países conquistaram sua independência e passaram a ter governos próprios. Desde então, o caos econômico e social, aliado ao autoritarismo e à corrupção da classe política dirigente, é a base fértil da expansão do fundamentalismo.

LEITURA

O império e os novos bárbaros

De Jean-Cristophe Rufin. Record, 1996.

O livro desenvolve a ideia de que o mundo próspero do “norte” apenas tem interesse nas questões do mundo pobre para ter acesso aos recursos econômicos vitais, como o petróleo, ou para proteger suas fronteiras contra os perigos das drogas, da imigração clandestina e do terrorismo.

LEITURA

As diversas faces do terrorismo

De Paulo Sutti e Sílvia Ricardo. Harbra, 2002.

Uma análise abrangente do terrorismo de Estado e dos grupos radicais até os atentados de 11 de setembro, rico em fatos detalhados e depoimentos de algumas vítimas.

¹⁶ Os primeiros grupos terroristas na Palestina foram formados por judeus nacionalistas que tinham como objetivo comum intimidar a população árabe na região, combater a administração britânica e formar um Estado judeu.

¹⁷ Dados do Pew Research Center. *The Future of World Religions: Population Growth Projections, 2010-2050*, abril de 2015. Disponível em: <www.pewforum.org>. Acesso em: fev. 2016.



Figura 2. Nova York (Estados Unidos), 2001. A sequência das imagens mostra o segundo dos dois aviões que atingiram o World Trade Center nos exatos momentos de sua aproximação e choque. O ataque foi o maior sofrido pelos Estados Unidos em seu território.

Além disso, a independência política conquistada por esses países não significou o fim das interferências externas das grandes potências mundiais – sobretudo dos Estados Unidos –, cuja posição sempre foi ambígua. No Oriente Médio, por exemplo, o petróleo foi o fio condutor que determinou o apoio estadunidense a um ou outro governante, de acordo com as vantagens econômicas e estratégicas que pudessem ser obtidas nessa região.

O resultado das interferências externas no embate entre Estados Unidos e União Soviética durante a Guerra Fria no Afeganistão favoreceu o crescimento do grupo Talibã e o treinamento de **Osama Bin Laden** (1957-2011), líder da rede terrorista Al-Qaeda, responsável pelos ataques de 11 de setembro de 2001 (figura 3). Após a interferência na Guerra Civil na Líbia (2011) e a invasão e ocupação do Iraque pelos Estados Unidos (2003 a 2011), a **expansão do terrorismo** se propagou numa escalada nunca vista em qualquer época. No caso do Iraque, criou as condições para o surgimento do **Estado Islâmico**, o mais temido grupo terrorista da atualidade.



RUSSELL BOYCE/REUTERS/LATINSTOCK

Figura 3. Cartaz de busca por Osama Bin Laden exposto no distrito financeiro de Nova York (Estados Unidos), em 18 de setembro de 2001.

FILME

Timbuktu

De Abderrahmane Sissako.
França/Mauritânia, 2014.
96 min.

O filme mostra o dia a dia de uma pacata cidade ao norte do Mali, controlada por extremistas religiosos islâmicos. O enredo gira em torno da imposição de costumes religiosos rígidos aos seus habitantes, de acordo com a visão extremista do Islã, e do julgamento do personagem Kidame, responsável pela morte acidental de um pescador.

AFEGANISTÃO E TALIBÃ

O Afeganistão, composto por uma variedade de etnias rivais, era uma monarquia desde 1933. Em 1973, sofreu um golpe de Estado, liderado pelo general **Mohammed Daud** (1919-1978), que transformou o país numa república e assumiu a presidência. No período da Guerra Fria, principalmente após a crise do petróleo de 1973, o Afeganistão tornou-se um país estratégico, cujo território passou a ser disputado pelas duas superpotências da época. Os soviéticos aspiravam à dominação da região para controlar o acesso ao Golfo Pérsico, e os Estados Unidos buscavam inibir a expansão soviética no Oriente Médio.

Em 1978, Mohammed Daud foi derrubado e assassinado por membros do **Partido Democrático do Povo** (comunista). Esse episódio desencadeou a disputa pelo poder entre facções do próprio partido e entre grupos guerrilheiros de etnias diversas. Hafizullah Amin (1929-1979), líder de uma das facções do Partido Democrático do Povo, acabou conquistando a presidência, mas não se mostrou capaz de contemplar os interesses soviéticos. No final de 1979, a União Soviética invadiu o país. Hafizullah Amin foi assassinado e o presidente nomeado, **Babrak Karmal** (1929-1996), passou a governar o país apoiado pelos soviéticos, que em pouco tempo chegaram a mobilizar quase 100 mil soldados para a região.

A resistência contra o regime de Babrak Karmal, por parte dos vários grupos de **mujahedins** (conhecidos como guerreiros da liberdade), foi implacável. Instaurou-se no país uma guerra civil, com participação direta da União Soviética, denominada Guerra Afegã-Soviética (1979-89). Estados Unidos, Paquistão, China, Irã e Arábia Saudita forneceram armas e dinheiro aos guerrilheiros que lutavam contra a ocupação soviética. Durante a década de 1980, os Estados Unidos estiveram diretamente envolvidos no recrutamento e treinamento dos mujahedins (figura 4), entre eles **Osama Bin Laden**, o líder fundador da **Al-Qaeda**, a organização terrorista mais temida no mundo na primeira década do século XXI.



DAVID HUME KENNERLY/GETTY IMAGES

No final da Guerra Fria, em 1989 – no governo de Mikhail Gorbachev (1931-) –, o exército soviético retirou-se do Afeganistão, e a guerra continuou entre as facções de grupos muçulmanos que disputavam o poder entre si. Em 1996, o **Talibã**, grupo islâmico **ultrarradical**, assumiu o governo e o controle de 95% do território afegão, tornando o país abrigo do saudita Osama Bin Laden. Os mujahedins, treinados pelos Estados Unidos para combater a expansão do comunismo soviético, voltaram-se contra seu antigo aliado.

FILME

A caminho de Kandahar

De Mohsen Makhmalbaf.
França/Irã, 2001. 85 min.

Uma jornalista afegã refugiada no Canadá volta ao Afeganistão para salvar a irmã. A partir da viagem da jornalista até Kandahar, o filme mostra a imposição de costumes (fanatismo) e a situação do Afeganistão dos Talibãs.

LEITURA

Não há dia fácil

De Mark Owen.
Paralela, 2012.

Trata-se de um relato da missão executada por 24 membros do Seals (tropa de elite estadunidense) responsável pela morte de Osama Bin Laden, líder da Al-Qaeda, numa casa no Paquistão, em 2011. Escrito sob pseudônimo, o autor esteve diretamente envolvido nessa missão.

Figura 4. O presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan (1911-2004) em encontro com líderes mujahedins afegãos na Casa Branca, em 1983.

O governo Talibã foi derrubado pelas forças de coalizão em 2001 e hoje o grupo luta para derrubar o governo afegão e implantar seus valores fundamentalistas nas regiões que dominam, no Afeganistão e Paquistão. O Talibã implantou um regime islâmico repressivo, sobretudo às mulheres, nos cinco anos de controle do país, entre 1996 a 2001. Obrigadas a ocultarem-se atrás da burca e viverem confinadas, ficaram proibidas de frequentar escolas e locais de trabalho.

ENTRE ASPAS

Malala Yousafzai

A família da menina paquistanesa Malala Yousafzai (1997-) vivia na região Vale do Swat, dominada pelo grupo Talibã paquistanês desde 2007. Em 2009, quando o grupo proibiu as meninas de frequentarem a escola, Malala o desafiou: sob o pseudônimo de Gul Makai publicou o *blog Diário de uma estudante paquistanesa*, denunciando como era viver sob as leis do Talibã e defendendo a educação feminina. Em outubro de 2012, aos 15 anos de idade foi baleada na cabeça por membros do Talibã paquistanês, dentro de uma caminhonete usada para o transporte escolar. Malala sobreviveu ao atentado.

Em 2013 recebeu o prêmio Sakharov, dado pelo Parlamento Europeu às pessoas de todo o mundo, cujas contribuições à luta pelos direitos humanos foram excepcionais. Nesse mesmo ano, a região paquistanesa em que vivia teve um crescimento expressivo de matrículas de meninas em suas escolas. Em 2014, com apenas 17 anos de idade, tornou-se a mais jovem vencedora do prêmio Nobel da Paz. Hoje vive em Birmingham (Inglaterra) cercada de assessores e dedicada aos mais diversos empreendimentos: livro, documentário e o Fundo Malala (Malala Fund), criado para arrecadar recursos financeiros para a educação das meninas.



Malala Yousafzai, na ocasião em que recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em Oslo (Noruega), 2014.

CORNELIUS POPPE/POOL/AFP

LEITURA

Por dentro do Jihad, uma história de espionagem

De Omar Nasiri.
Record, 2007.

O autor relata a sua experiência durante os anos em que trabalhou, entre 1994 e 2000, como agente secreto para os principais serviços de inteligência da Europa, e a sua passagem pelos campos de treinamento afegãos, onde conheceu homens que mais tarde se tornariam os terroristas mais procurados do mundo.

Eu sou Malala

De Malala Yousafzai e Christina Lamb. Companhia das Letras, 2013.

O livro conta a história de Malala e sua família, desde a infância da garota no Paquistão, passando pela vida escolar em meios às dificuldades de se viver em uma região marcada pela desigualdade social e de tratamento em relação a meninos e meninas, até o terror de enfrentar o Talibã e de quase perder sua vida nessa luta.

NOVAS DIMENSÕES DO TERRORISMO

Durante o século XX, proliferaram grupos terroristas em praticamente todos os continentes, com os objetivos mais diferentes possíveis: grupos de esquerda em luta contra governos capitalistas, grupos de direita contra governos de orientação socialista, grupos nacionalistas, grupos separatistas, lutas pela independência, descolonização etc.

No entanto, os atentados terroristas de grande proporção são elementos marcantes da nova ordem mundial. Colocam em evidência a continuidade dessa estratégia de luta por grupos radicais que tentam derrotar Estados organizados, já que nada conseguiriam num combate frontal. O terrorismo é, portanto, uma **guerra assimétrica**, mas de grandes proporções, que amedronta e coloca a sociedade em estado de permanente tensão.

Neste início do século XXI, diversos atentados chocaram o mundo pela crueldade: o de 11 de setembro de 2001, em Nova York e Washington D.C., nos Estados Unidos, o de 11 de março de 2004, em Madri, na Espanha, e o de julho de 2005, em Londres (Inglaterra), todos atribuídos à rede terrorista Al-Qaeda; o de setembro de 2004, em Beslan¹⁸, Ossétia do Norte (Rússia), de autoria de um grupo separatista da Chechênia; os atentados ao jornal satírico francês *Charlie Hebdo*, de janeiro de 2015, atribuídos à Al-Qaeda do Iêmen (leia o *Entre aspás*); os ataques a diversos locais da cidade de Paris, na França, ocorridos em 13 de novembro do mesmo ano (veja a seção *Contexto*, no início do capítulo), e os ataques ao aeroporto internacional e a uma estação de metrô em Bruxelas, na Bélgica, em março de 2016, de autoria do Estado Islâmico.

Quanto mais gigantesca e violenta é a ação, mais o terrorismo conta com a **cobertura dos meios de comunicação**, que transforma a barbárie em espetáculo para ser acompanhado por milhões de pessoas em todo o mundo. No atentado ao World Trade Center, pessoas do mundo todo puderam ver pela televisão, em tempo real, o segundo avião mergulhar na torre, o edifício desabar e o desespero da população sob a poeira e os escombros. Atualmente o terrorismo de grande dimensão é liderado pelo Estado Islâmico (você verá adiante, na página 67).

ENTRE ASPAS

Je suis Charlie

O polêmico *Charlie Hebdo* é um jornal satírico de esquerda criado na década de 1980 em Paris (França), diferenciado por suas críticas ácidas à sociedade, à política e às religiões. Em 2011, publicou uma caricatura de Maomé com a frase “100 chibatadas se você não morrer de rir”. Sofreu protestos, ameaças e uma bomba incendiária foi lançada no prédio da sua sede. Assim mesmo o *Charlie Hebdo* não deixou de poupar Maomé em suas caricaturas. Para os muçulmanos a representação de Alá ou do profeta Maomé é considerada blasfêmia, isto é, uma difamação contra eles.

Em janeiro de 2015, jihadistas ligados à Al-Qaeda do Iêmen realizaram um massacre na sede do jornal: gritavam “vingamos o profeta!” enquanto assassinavam 12 pessoas. Depois do atentado, o *designer* francês Joachim Roncin postou no *Twitter* a frase *Je suis Charlie* (“Eu sou Charlie”) em homenagem aos colegas assassinados.



A frase *Je suis Charlie*, símbolo de solidariedade às vítimas dos ataques ao jornal *Charlie Hebdo*, é mostrada na tela de celular em 7 de janeiro de 2015.

ROB STOTHARD/GETTY IMAGES

AL-QAEDA

A rede **Al-Qaeda**, criada no contexto da Guerra Afegã-Soviética (1979-1989) com a fusão de facções islâmicas ultrarradicais que lutavam contra os soviéticos, inaugurou o “**terrorismo de espetáculo**”, de grandes dimensões e projeção internacional. Essa nova face do terror foi revelada na sucessão de ataques aos Estados Unidos, em **11 de setembro de 2001**.

Seu líder, Osama Bin Laden, morto em 2011 em uma ação militar das forças de operações especiais estadunidenses, proclamava a união de todos os muçulmanos para lutar pela formação de uma única nação islâmica. Contra a interferência da penetração de valores ocidentais nos países muçulmanos, conclamava aos seus seguidores promover uma guerra santa (*jihad*) contra os Estados Unidos e o seu principal aliado no Oriente Médio, o Estado de Israel.

¹⁸ Veja a seção *Entre aspás*, na página 79.

ESTADO ISLÂMICO

Em 2004, um ano após a invasão do Iraque liderada pelos Estados Unidos, foi formada a **Al-Qaeda no Iraque** comandada por **Abu Musab al-Zarqawi** (1966-2006), uma força relevante entre os insurgentes que lutavam contra a ocupação estrangeira. Na situação de caos e desordem política que vivia o país, Zarqawi via as condições ideais para o estabelecimento de um Estado Islâmico imediatamente, diferente do que pensava a Al-Qaeda de Osama Bin Laden, que via a criação de um Estado regido pelas leis islâmicas como um objetivo futuro.

Em 2006 foi criado o **Estado Islâmico (EI)** com a fusão de membros da Al-Qaeda no Iraque, que se dissolveu, e outras organizações terroristas insurgentes **sunitas** combatentes contra as forças de ocupação e as do governo iraquiano. Hoje, as relações entre a Al-Qaeda e o Estado Islâmico estão rompidas.



ENTRE ASPAS

Sunitas e xiitas

Os sunitas e os xiitas constituem a principal divisão do islamismo, criada após a crise sucessória ocorrida com a morte do profeta Maomé, no século VII. O império islâmico deixado por Maomé dividiu-se em quatro califados. Abu Bakr, amigo de Maomé e um dos quatro califas, foi considerado pela maioria muçulmana o seu sucessor e os seus adeptos são chamados de sunitas. Os xiitas formam o ramo do islamismo que, desde essa época, defendem como legítimo sucessor do profeta o seu primo, o califa Ali ibn Abi'alib. Essa divisão semeou diversas batalhas históricas entre os grupos islâmicos e está por trás da disputa pela liderança regional no Oriente Médio entre Arábia Saudita (sunita) e o Irã (xiita).

No Iraque, a maioria da população é xiita e foi reprimida durante a ditadura sunita de Saddam Hussein (1937-2006), até a sua deposição em 2003 pelas tropas de coalização internacional liderada pelos Estados Unidos. Em 2011, o primeiro-ministro em exercício no Iraque, o xiita **Nouri al-Maliki** (1950-), passou a perseguir a população sunita, logo após a saída das tropas estadunidenses do país. Nesse contexto de repressão, o Estado Islâmico cresceu e ganhou admiração de fundamentalistas sunitas de boa parte do mundo. O grupo projetou-se pela capacidade econômica, pelos recursos militares, pelo impacto que provoca a divulgação das suas ações terroristas e pela propaganda eficiente dos seus meios de comunicação.

Em 2010, **Abu Bakr al-Baghdadi** (1971-) (figura 5), um ex-detento de uma das prisões controladas pelos Estados Unidos nos anos de ocupação, tornou-se líder do Estado Islâmico, reorganizou as suas bases militares e promoveu as principais ações de ataques e ocupação de terras e cidades iraquianas.



ENTRE ASPAS

De onde vem o dinheiro e os armamentos do EI?

O financiamento do Estado Islâmico vem de fontes diversas: de poços e refinarias de petróleo na Síria e no Iraque, cuja produção é vendida nesses países e na Turquia; de extorsões de comerciantes e de taxas cobradas da população para fornecer eletricidade e outros serviços públicos nas cidades que domina; de resgate de sequestros de estrangeiros e cidadãos sírios e iraquianos de classe média; da venda no mercado ilegal de obras saqueadas de museus e sítios arqueológicos; de doações de simpatizantes e seguidores do grupo.

Seus recursos militares incluem artilharia pesada, metralhadoras, lançadores de foguetes e baterias antiaéreas. Todo esse armamento provém principalmente dos Estados Unidos, da China e da Rússia, que repassam para exércitos nacionais e grupos rebeldes que apoiam na Síria e no Iraque. Durante os combates, e também por conta da infraestrutura de controle precária desses países, armas e munições acabam caindo nas mãos do EI. Integrantes do EI capturam até mesmo tanques de guerra e veículos blindados em luta com os exércitos sírio e iraquiano.

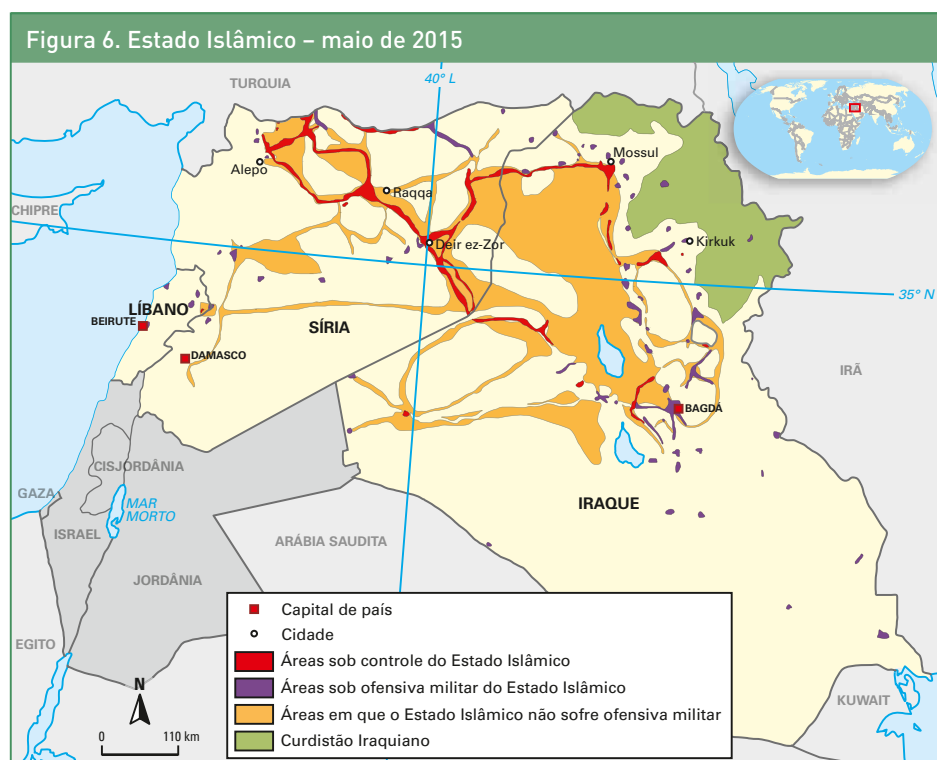


AL-FURQAN MEDIA/ANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

Figura 5. A imagem, tirada de um vídeo, mostra o líder do Estado Islâmico, Abu Bakr al-Baghdadi, pregando numa mesquita em Mossul (Iraque) em um dia de oração. O vídeo foi divulgado em julho de 2014.

Em 2013, Baghdadi criou o **Estado Islâmico do Iraque e do Levante** (EIL), diante da extensão da sua linha de combate ao território sírio, favorecido pelo caos criado pela Guerra Civil Síria. No início se associou com a **Frente Al-Nusra da Síria**, mas as duas organizações romperam logo em seguida. A Al-Nusra é afiliada da Al-Qaeda.

Em 2014, já controlava amplos territórios, estradas e importantes cidades nos dois países, Iraque e Síria. **Mossul**, considerada a capital do Estado Islâmico, é a segunda mais importante cidade iraquiana depois de Bagdá. A capital do Estado Islâmico na Síria é a cidade de **Raqqá**. Em junho do mesmo ano, Baghdadi proclamou a formação oficial do **Califado do Estado Islâmico**, e “como sucessor legítimo da linhagem de Maomé”, proclamou-se califa e conclamou todos muçulmanos do mundo a jurarem-lhe lealdade. Fazem parte da liderança militar do novo “Estado”, ex-oficiais e soldados das tropas que sustentaram o governo de Saddam Hussein e hoje estão a serviço do movimento terrorista mais perigoso do nosso tempo. Veja o mapa (figura 6).



LEITURA

A origem do Estado Islâmico – O fracasso da “Guerra ao Terror” e a ascensão jihadista

De Patrick Cockburn. Autonomia Literária, 2015.

A obra mostra como as intervenções no Iraque, em 2003, e na Guerra Civil na Líbia, em 2011, foram responsáveis pela formação do Estado Islâmico, na Síria e no Iraque, e dos grupos ligados a ele em outras partes do mundo muçulmano.

Fonte: *Institute for the study of war*. Disponível em: <www.understandingwar.org>. Acesso em: dez. 2015.

Uma coalização de dezenas de países, além de forças locais, como o grupo curdo armado de elite conhecido como **Peshmerga** e as forças rebeldes sírias contra Bashar al-Assad, combate o Estado Islâmico (figura 7). O Peshmerga, milícia armada criada no processo de luta pela independência do Curdistão, é hoje a principal força de proteção dos curdos no Iraque e na Síria e a mais eficiente, até o momento – início de 2016 –, na luta por terra contra o Estado Islâmico.

Figura 7. Grupo curdo armado Peshmerga lança bomba contra forças armadas do Estado Islâmico, em Dokuk (Iraque), 2015.



STRINGER/REUTERS/LATINSTOCK

• Métodos do Estado Islâmico

O Estado Islâmico assombrou o mundo com crimes cruéis: decapitou jornalistas, funcionários de organizações de ajuda humanitária e queimou prisioneiros vivos. Entre suas práticas recorrentes estão crucificações, apedrejamentos e sepultamento de vítimas vivas. Perseguiu comunidades religiosas como cristãos, curdos e **yazidis** e suas milícias estupraram e escravizaram mulheres.

Em 2015, o “califado” inaugurou uma nova fase de atuação. Passou a promover ataques terroristas em outros países do mundo através de seguidores locais adeptos à sua ideologia: na Tunísia, na Turquia, no Líbano, na França, nos Estados Unidos. Todos eles em conflito aberto com Estado Islâmico. Logo após a intervenção da Rússia na Guerra Civil Síria, um avião de passageiros da companhia russa Metrojet foi derrubado no Sinai, ataque atribuído ao grupo armado **Península do Sinai**, braço do Estado Islâmico no Egito. O avião que decolou em Sharm el-Sheikh (Egito) com destino a São Petersburgo (Rússia) tinha 224 pessoas a bordo.

Yazidis

Grupo étnico-religioso de língua curda que habita principalmente o norte do Iraque.

BOKO HARAM

O maior número de vítimas em atentados terroristas registrado em 2014 ocorreu na Nigéria, sob o comando do grupo extremista islâmico Boko Haram: 7.512 mortes. Os dados são do *Global Terrorism Index 2015*, do Instituto para Economia e Paz (Institute for Economics and Peace), que o classificou como o mais mortal do mundo. Esses números dizem respeito apenas aos atentados e não a situações de conflito armado, em que o número é mais elevado. O Boko Haram também atua em países vizinhos, como Camarões, Níger e Chade.

Ele conquistou repercussão internacional em 2014 ao sequestrar 276 adolescentes que dormiam numa escola, no noroeste da Nigéria. Posteriormente declarou que elas foram obrigadas a casar com membros do grupo ou foram vendidas. O ato provocou indignação do mundo inteiro e desencadeou várias campanhas de solidariedade. Esse é apenas um de muitos episódios relacionados ao sequestro de milhares de meninas pelo Boko Haram. Segundo a Unicef, algumas das meninas sequestradas na Nigéria foram recrutadas para operações terroristas, inclusive ataques suicidas.

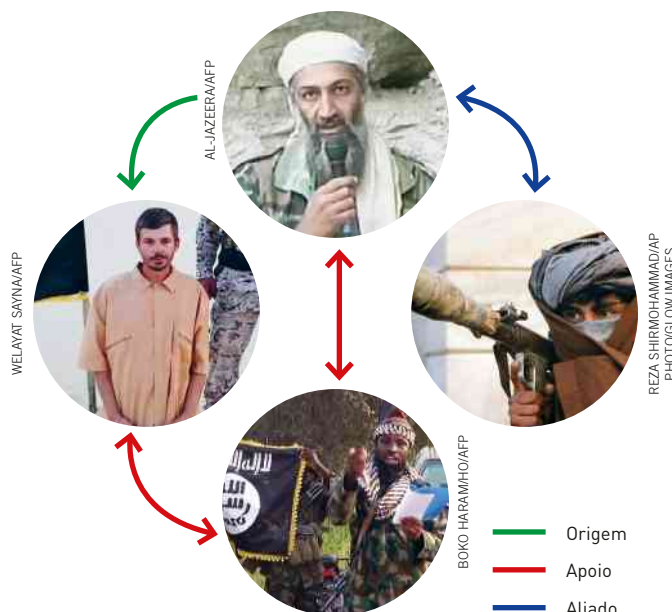
O grupo luta pela instituição na Nigéria de um governo fundamentado na lei islâmica. Assim como o Talibã, é contra a educação escolar feminina (figura 8). Em hausa, língua mais falada no norte da Nigéria, Boko Haram significa “a educação ocidental é pecaminosa”. Em 2015 prometeu sua **lealdade ao Califado Estado Islâmico**, de Abu Bakr al-Baghdadi.

EMMANUEL BRAUNREUTERS/LATINSTOCK

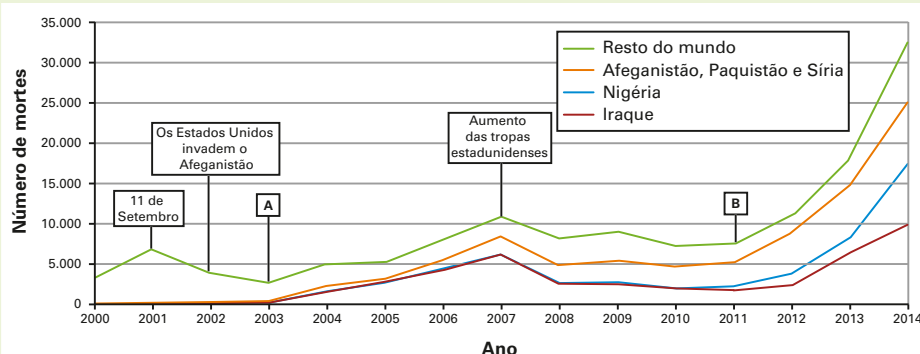


Figura 8. Meninas observam assustadas soldados na cidade de Damasak (Nigéria), em março de 2015. Nesse momento, a cidade havia sido recuperada do controle do grupo Boko Haram por soldados do Níger e do Chade.

- O esquema ao lado mostra as articulações entre as principais organizações terroristas destacadas na primeira parte do capítulo. Escreva um texto sobre cada uma delas e explique as suas relações.
- Em 2014, os cinco países em destaque no gráfico abaixo foram os mais vulneráveis à ação de grupos de terroristas: Iraque, Nigéria, Afeganistão, Paquistão e Síria. Observe o gráfico e responda às questões.
 - Que mensagem geral expressa a leitura do gráfico?
 - A letras A e B indicam dois acontecimentos importantes responsáveis pela expansão das atividades terroristas. Identifique-os.
 - Compare o número de mortes por terrorismo nos dois países mais afetados em 2014 com as mortes registradas no resto do mundo no mesmo ano.



Mortes em atentados terroristas – 2000-2014



Fonte: Institute for Economics and Peace. *Global Terrorism Index 2015*. p. 14. Disponível em: <www.start.umd.edu>. Acesso em: dez. 2015.

ENEM E VESTIBULARES

- (Fuvest-SP 2015)

“O grupo Boko Haram, autor do sequestro, em abril de 2014, de mais de duzentas estudantes, que, posteriormente, segundo os líderes do grupo, seriam vendidas, nasceu de uma seita que atraiu seguidores com um discurso crítico em relação ao regime local. Pregando um islã radical e rigoroso, Mohammed Yusuf, um dos fundadores, acusava os valores ocidentais, instaurados pelos colonizadores britânicos, de serem a fonte de todos os males sofridos pelo país. Boko Haram significa ‘a educação ocidental é pecaminosa’ em haussa, uma das línguas faladas no país.”

www.cartacapital.com.br.
Acesso em: 13 maio 2014. Adaptado.

O texto se refere

- a uma dissidência da Al-Qaeda no Iraque, que passou a atuar no país após a morte de Saddam Hussein.
- a um grupo terrorista atuante nos Emirados Árabes, país economicamente mais dinâmico da região.
- a uma seita religiosa sunita que atua no Sul da Líbia, em franca oposição aos xiitas.
- a um grupo muçulmano extremista, atuante no Norte da Nigéria, região em que a maior parte da população vive na pobreza.
- ao principal grupo religioso da Etiópia, ligado ao regime político dos tuaregues, que atua em toda a região do Saara.

3 TERRORISMO DE ESTADO: CASOS EXEMPLARES

O terrorismo de Estado utiliza um sistema de dominação política baseado na disseminação de terror e medo na sociedade. Caracteriza-se por uma política repressiva sistemática implementada pelos órgãos do Estado. A violência praticada torna-se uma ameaça constante à população e pode durar por toda a vigência de um regime.

Ao longo da história do mundo, diversos governos implantaram esse tipo de terrorismo, sob as mais diferentes ideologias e formas: comunismo, fascismo, nazismo etc. Em todos eles, houve o extermínio e a submissão de milhares de pessoas. Conheça alguns casos.

COMUNISMO SOVIÉTICO

Na União Soviética, entre 1929 e 1932, sob a liderança de **Josef Stálin** (1879-1953), mais de 13 milhões de camponeses foram mortos por resistirem à coletivização forçada das terras agrícolas. Entre 1936 e 1938, foram perseguidos e condenados à morte milhares de militantes e lideranças importantes do próprio Partido Comunista por meio dos **Processos de Moscou**. Por meio de organizações como o **Comissariado do Povo para Assuntos Internos (NKVD)**, foi implantado na União Soviética um Estado marcado pelo controle e pelo extermínio de pessoas, julgadas sumariamente, muitas vezes por motivos pouco relevantes.



MAX ALPERT/ULLSTEINBILD

Três anos após a morte de Stálin, em 1953, o seu sucessor, **Nikita Krushev** (1894-1971), denunciou a violência do Estado stalinista, em que milhões de pessoas foram mortas nos campos de trabalho forçado (figura 9) ou executadas por perseguições políticas. Outros milhões foram vítimas de prisões, tortura e exílio. Embora numa dimensão mais modesta que a da Era Stalinista, essas práticas e estruturas de Estado, condenadas por Krushev, não foram eliminadas na União Soviética até o governo Mikhail Gorbachev (1931-) assumir o poder, em 1985. Os traços totalitários do regime soviético foram assimilados nos países sob a sua influência durante a Guerra Fria.

Figura 9. Construção do Canal de Fergana no Uzbequistão, 1939. O emprego de trabalho forçado na União Soviética teve início com Lênin, mas se intensificou sob o governo de Stálin.

ALEMANHA SOB O NAZISMO

A Alemanha de **Adolf Hitler** (1889-1945) foi marcada pela perseguição a minorias, sobretudo étnicas (caso dos judeus), além de homossexuais, comunistas, intelectuais e críticos ao Estado nazista. A **Gestapo** (polícia secreta) investigava, realizava prisões e eliminava os dissidentes.

A **SS** (tropa de elite) do **Partido Nazista** constituía a principal força do Estado e tinha influência em todos os setores da administração pública. Foi a principal responsável pelos massacres da população judaica na Alemanha e nos países ocupados durante a Segunda Guerra Mundial. Sequestros, assassinatos, extermínios em massa, destruição de sinagogas e ataques à população civil tornaram-se práticas comuns tanto da Gestapo como das tropas de elite nazista e do exército alemão. Veja a figura 10.



Figura 10. Cerca de 60 mil judeus, confinados pelos alemães num gueto, em Varsóvia (Polônia), rebelaram-se, entre janeiro e maio de 1943, no que ficou conhecido como o “levante do gueto de Varsóvia”. As tropas nazistas esmagaram a rebelião, chacinando milhares de judeus e enviando outros milhares para campos de concentração. A imagem mostra famílias judaicas sendo retiradas do gueto no ano do levante.



CONEXÃO

Língua Portuguesa • Sociologia

Os medos do regime

Bertold Brecht (1898-1956) foi um importante dramaturgo e poeta alemão, cujos trabalhos influenciaram profundamente o teatro contemporâneo. Com a eleição de Hitler em 1933, por questões políticas, Brecht deixa a Alemanha, para onde retorna apenas em 1948, instalando-se na parte oriental de Berlim. Leia, a seguir, o trecho de um poema de Brecht.

“Um estrangeiro, voltando de uma viagem ao Terceiro Reich
Ao ser perguntado quem realmente governava lá, respondeu:
O medo.”

BRECHT, Bertold. Os medos do Regime. *Poemas 1913-1956*. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 198.

- Reflita sobre o uso do medo como meio de controle da sociedade.

FILME

Nos braços de estranhos

De Mark Jonathan Harris.
EUA, 2000. 118 min.

História de pessoas que quando crianças foram salvas na Alemanha do terror nazista e levadas para viver em casas estrangeiras e orfanatos na Grã-Bretanha.

Diplomacia

De Volker Schlöndorff.
França/Alemanha.
2014. 84 min.

O filme discute o dilema moral do general alemão Dietrich von Choltitz que governava Paris durante a ocupação nazista, em agosto de 1944. A guerra já estava perdida para a Alemanha e o exército aliado avançava para a retomada de Paris. O filme está ambientado num hotel e é estruturado num longo diálogo entre o general e o cônsul sueco Raoul Nordling. Com muita diplomacia, o sueco consegue fazer o general não acatar as ordens de Hitler de destruir totalmente a cidade de Paris, seus principais monumentos e boa parte da população. A desistência do general poderia significar a morte de sua mulher e seus filhos, mas lhe é sugerida uma solução.

SITE

Comissão Nacional da Verdade

www.cnv.gov.br

O site da Comissão Nacional da Verdade (CNV), instalada no Brasil desde maio de 2012, apresenta documentos, vídeos e o relatório final do trabalho realizado por ela.

DITADURAS LATINO-AMERICANAS

Na América Latina, as ditaduras que se instalaram em diversos países entre as décadas de 1960 e 1980 foram responsáveis por milhares de casos de pessoas sequestradas, presas, torturadas, mortas e desaparecidas sob a responsabilidade do Estado. Veja a figura 11.

Países da América do Sul implantaram, também, ações conjuntas destinadas à repressão a seus opositores, entre elas, a **Operação Condor**. A operação estruturava-se na cooperação entre os serviços de inteligência do Chile, Brasil, Argentina, Uruguai e Bolívia – posteriormente estendido ao Peru e ao Equador – e foi responsável pelo desaparecimento e morte de milhares de pessoas suspeitas de estarem ligadas às organizações de esquerda ou serem adversárias dos regimes ditatoriais sul-americanos.

Com o retorno à democracia, diversos países latino-americanos criaram comissões para apurar a responsabilidade pelos crimes cometidos (Argentina, em 1983, Chile, em 1990, e Peru, em 2001). Apesar das suas particularidades, todas apontaram para o objetivo de garantir o direito à memória, de recuperar a verdade histórica nacional e apurar violações aos direitos humanos praticados pelo Estado durante os períodos ditatoriais. No Brasil, a instauração de uma comissão dessa natureza ocorreu tardiamente, apenas em 2012, com o nome **Comissão Nacional da Verdade**. Em 2014 foi apresentado o seu relatório final. Observe no infográfico as apurações gerais do relatório (figura 12).

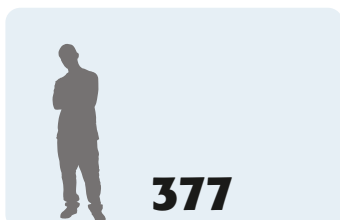


Figura 11. Conflito entre estudantes e militares durante passeata, no centro do Rio de Janeiro (RJ), em junho de 1968. Os estudantes reivindicavam ensino público e gratuito para todos, democratização e melhoria da qualidade do ensino superior e mais verbas para pesquisas. Além disso, contestavam o cerceamento às liberdades democráticas e a ditadura instaurada no Brasil com o golpe de 1964.

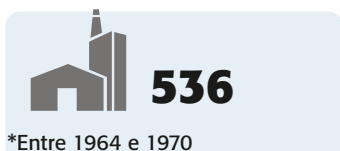
Figura 12. Comissão Nacional da Verdade: relatório final

Conclusões sobre a repressão e tortura durante a ditadura

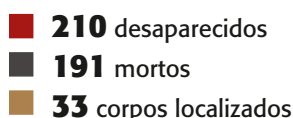
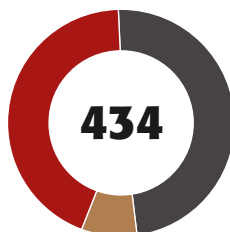
Agentes responsáveis pela repressão



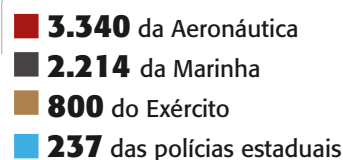
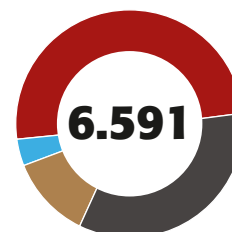
Sindicatos sob intervenção*



Mortos e desaparecidos na ditadura



Militares que a ditadura perseguiu



ALEX SILVA

Fonte: G1, 10 dez. 2014. Disponível em: <g1.globo.com>. Acesso em: jan. 2016.



Memória da ditadura

O artista plástico Rubens Gerchman (1942-2008) nasceu no Rio de Janeiro (RJ). Foi pintor, desenhista, gravador e escultor. Suas obras retratam o cotidiano e apresentam forte conteúdo humanista. Na década de 1960, quando surgiu a maioria das ditaduras latino-americanas, inclusive a do Brasil, elaborou vários trabalhos sobre mortes e perseguições políticas.

Os trabalhos desse período têm forte influência da *pop art* – movimento artístico surgido na década de 1960 –, com a utilização de uma linguagem visual que se aproxima da utilizada pela indústria cultural: publicidade, quadrinhos, televisão e fotografia, colagens e repetição de imagens em série. A *pop art* tinha como tema a própria sociedade de consumo, seus objetos elaborados pelo processo de produção em massa e suas celebridades.

Os desaparecidos (1965), tinta industrial sobre tela de Rubens Gerchman.



RUBENS GERCHMAN. OS DESAPARECIDOS. 1965.

1. Quais aspectos da obra *Os desaparecidos* a aproxima da *pop art*?
2. O que diferencia esta obra da temática recorrente da *pop art*?

CAMBOJA DE POL POT

Em 1975, os **Khmers Vermelhos** (militantes do Partido Comunista Cambojano – Khmer) tomaram Phnom Penh, capital do Camboja, e implantaram um dos mais sanguinários regimes no Sudeste asiático. Sob a presidência de **Pol Pot** (1925-1998), responsável pela morte de aproximadamente 2 milhões de pessoas num período de apenas quatro anos (1975-1979), os Khmers Vermelhos governaram o país por meio do terror.

Os habitantes de Phnom Penh foram enviados ao campo para trabalhar em fazendas coletivas, com a alegação de que estavam contaminados pela ideologia burguesa da cidade (figura 13). Os intelectuais e as pessoas que tinham alguma instrução foram perseguidos, muitos executados. Dominar a língua e ler com desenvoltura era motivo de condenação, e dominar o idioma inglês era motivo de execução. A prática religiosa, bem como orar para as almas dos antepassados, foi proibida. Livros sagrados, outros artigos religiosos e estátuas budistas foram destruídos. Em pouco tempo, o país foi convertido num grande campo de prisioneiros do Estado.

ROLAND NEVEU/LIGHTROCKET VIA GETTY IMAGES



Figura 13. Habitantes de Phnom Penh (Camboja) deixam a capital acompanhados pelo exército, em 1975.

PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA DA ARGÉLIA

A **Guerra da Argélia** (1954-1962) é um exemplo de violência, violação dos direitos humanos e métodos terroristas praticados pelos dois lados envolvidos no conflito.

A guerra foi desencadeada pela **Frente de Libertação Nacional (FLN)**, fundada em 1954 pelo político argelino **Ahmed Bem Bella** (1918-2012), que tinha como objetivo lutar pelo fim do domínio francês, iniciado em 1830. No início a FLN entrou em conflito direto com os extremistas **Pieds-Noirs** (Pés Negros), como eram denominados os colonos franceses, que temiam que o governo parisiense acabasse abrindo mão da Argélia e foram responsáveis por frequentes atentados terroristas contra os árabes argelinos. Posteriormente, a luta da FLN foi travada contra o próprio exército francês: a França deslocou mais de meio milhão de soldados para a Argélia durante a guerra. Apesar das vitórias iniciais dos franceses, a FLN desencadeou extensa campanha de terrorismo urbano em agosto de 1956.

Entre janeiro e setembro de 1957, o general francês **Jacques Massu** (1908-2002) conseguiu desestabilizar os grupos que lutavam pela independência. Esse período do conflito ficou conhecido como **Batalha de Argel**. O uso da tortura contra os prisioneiros argelinos foi reconhecido pelo próprio general Massu e por outros militares franceses, alguns anos depois.

A França chegou a criar campos de refugiados, cercados de arames farpados, para onde foram deslocadas pessoas que perderam casas e propriedades durante a guerra, camponeses e franceses simpáticos à causa da independência argelina. Mais de 1 milhão de pessoas fugiram para a Tunísia e para o Marrocos por causa da violência da guerra ou para se livrar dos campos de refugiados, caracterizados por alguns como verdadeiros campos de concentração. Veja a figura 14.



COURTESY EVERETT COLLECTION/FOTOARENA

Figura 14. Campo de batalha em Argel (Argélia), 1965.

APARTHEID NA ÁFRICA DO SUL

Na África Subsaariana, praticamente nenhum país esteve imune às violações dos direitos humanos e ao terror praticado pelo Estado. Mas, sem dúvida, a África do Sul marcou o século XX em razão da institucionalização da violência e da **segregação racial** contra os negros.

Os conflitos entre o Estado segregacionista comandado pelos brancos e os movimentos negros tiveram início ainda na primeira década do século XX. Criada em 1910, a **República da África do Sul** promulgou a **Lei de Terras**, que destinava 87% das terras sul-africanas para os 18% que formavam a população branca. Os negros, impedidos de participar das decisões políticas, eram considerados apenas mão de obra para agricultura, exploração das minas, serviços domésticos etc. Alguns chegaram a fazer parte da própria polícia sul-africana, colaborando, ironicamente, para o cumprimento das leis racistas.

FILME

A batalha de Argel

De Gillo Pontecorvo.
Argélia/Itália, 1965. 117 min.

O filme mostra os dois lados do conflito: a tortura e a eliminação cruel dos rebeldes, empreendidas pelo exército de ocupação francês, e os métodos de luta da FLN, apoiados na guerrilha e no terrorismo.

Em 1912, foi criado o **Congresso Nacional Africano (CNA)**, em defesa dos direitos da população negra, que liderou a luta contra a discriminação na África do Sul por todo o século XX. A partir de 1948, o **apartheid** (separação), que já existia de fato, passou a fazer parte da própria Constituição do país, obrigando os negros a viver em zonas residenciais afastadas – nas **townships** – e impedindo-os de frequentar os mesmos lugares que os brancos. Os negros utilizavam serviços públicos (transporte, assistência médica e escola) separados dos brancos. Proibiram-se, também, casamentos e relações sexuais inter-raciais. Em defesa dessa política, afirmava-se que brancos, negros e mestiços eram iguais, mas deveriam viver separados.

Em 1960, o CNA foi proibido. **Nelson Mandela** (1918-2013), presidente do partido, e um grupo de militantes passaram a agir clandestinamente, apesar da oposição de vários líderes do CNA, e a utilizar métodos terroristas, como bombas e sabotagem, para atacar as minas de ouro e diamante, as fábricas, a polícia e a população civil branca.

A reação do Estado sul-africano contra o terrorismo do CNA foi violenta. Prisões ilegais, julgamentos sumários, torturas, mortes e ataques à população civil negra indefesa eram realizados com frequência pelo governo branco opressor, num país de ampla maioria negra. Em 1962, Mandela foi preso, permanecendo por 27 anos na cadeia até ser solto em 1990, quando o governo da África do Sul, que havia começado a abrandar o *apartheid*, passou a negociar com a maioria negra.

• Bantustões

A política segregacionista tornou-se cada vez mais dura, principalmente no governo de **Balthazar Johannes Vorster** (1915-1983). Em 1971, foram criados os **bantustões**, territórios não brancos independentes, separados da África do Sul, situados nas piores terras e desprovidos de qualquer obra de infraestrutura (figura 15). Com isso, os negros teriam seu próprio território e governo, mas teriam que enfrentar sozinhos os inúmeros problemas de saúde, políticas educacionais, falta de trabalho e segurança concentrados nos bantustões. Para entrar e circular na África do Sul, dependiam de autorização e precisavam ter passaporte como qualquer estrangeiro que entra em outro país. Dos 10 bantustões previstos, apenas quatro tornaram-se independentes: **Bophuthatswana, Venda, Ciskei e Transkei**, mas nunca tiveram reconhecimento internacional.

Fonte: South Africa: overcoming apartheid, building democracy.
Disponível em: <<http://overcomingapartheid.msu.edu>>.
Acesso em: jan. 2016.

ENTRE ASPAS

O massacre de Soweto

O massacre em Soweto, bairro de população negra (*township*) em Johannesburg (África do Sul), ocorreu em junho de 1976, durante um protesto pacífico contra uma determinação do governo racista da África do Sul, que tornou obrigatório o ensino da língua africâner e da língua inglesa, desconsiderando as línguas nativas. A polícia sul-africana reprimiu a manifestação com violência e deixou mais de uma centena de mortos, sensibilizando toda a comunidade internacional sobre o drama da população negra na África do Sul. A imagem a seguir, do fotógrafo Sam Nzima (1934-), tornou-se um ícone da revolta contra o *apartheid*. Hector Pieterse, de 12 anos, é carregado morto por um adolescente após ser baleado durante a manifestação dos estudantes de Soweto. Do lado esquerdo, está a irmã mais velha de Hector.



EMILIE CHAMPEPHOTO/NOTOP/LATINSTOCK

Figura 15. África do Sul: bantustões – 1984



DACOSTA MAPAS

• Fim do *apartheid*

Os habitantes dos bantustões tinham como única alternativa de sobrevivência trabalhar fora de seu território, como estrangeiros que trabalham em outro país, continuando a prover a mão de obra necessária à economia sul-africana. A estratégia do governo da África do Sul provocou indignação de toda a comunidade internacional, resultando na exclusão do país da ONU, em 1974, e na adoção de **sanções econômicas** com o objetivo de pressionar o governo a acabar com o *apartheid*.

A reação internacional e a luta dos negros contra o regime segregacionista obrigaram os governantes da África do Sul a revogar as **leis raciais**, a libertar Nelson Mandela (1990), a promover uma transição do sistema político junto com o CNA e a realizar eleições democráticas multirraciais (1994). Desde então, o país passou a ser governado por presidentes e ministros negros (figura 16).

Apesar do fim do *apartheid*, a emancipação da população negra ainda não é uma realidade. O acesso à terra ainda é restrito para a grande maioria. Nas cidades, os negros circulam livremente, mas muitos vivem em busca de trabalho, realizando uma vez ou outra alguma atividade temporária ou vendendo mercadorias como ambulantes.



Figura 16. Nelson Mandela, na festa da vitória do CNA, em 2 de maio de 1994, em Johannesburg. Ele celebrava a vitória na primeira eleição democrática da África do Sul após o fim do *apartheid*.

ESTADOS UNIDOS E O CONTRATERRORISMO

A violação dos direitos humanos ocorre, também, nas democracias ocidentais, por meio da atuação militar em outros países.

Após os atentados de 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos lançaram-se na doutrina do **contraterrorismo**, ou **guerra preventiva** na luta contra o terrorismo. Apoiado por outros países, o governo estadunidense utilizou seus vultosos recursos econômicos e tecnológicos para realizar intervenções militares em outros países, como Afeganistão e Iraque. A guerra, que já é, de certo modo, um ato de terror, passou a ser praticada mesmo à revelia dos organismos internacionais, como a ONU. O ataque das forças estadunidenses passou a ser justificado mediante **ameaça provável** e não por um direito de defesa diante de um ataque inimigo.

Para justificar os ataques ao Iraque após o 11 de setembro, o governo dos Estados Unidos fez uso intensivo da mídia para manipular a opinião pública, apresentando motivações para os ataques que nunca foram comprovadas. Além da força militar, tentou impor-se sobre seus inimigos empregando meios ilícitos, como pôr a prêmio a cabeça de líderes, violar a privacidade das pessoas, realizar prisões ilegais, torturar e executar inocentes civis em suas campanhas militares, entre outros.

Com a doutrina da guerra preventiva, os Estados Unidos outorgaram a si mesmos o direito de intervir militarmente em qualquer lugar do mundo quando entenderem que a sua segurança nacional está ameaçada. Esse unilateralismo estadunidense em relação a questões militares tornou-se uma ameaça de guerra permanente, cujos inimigos são selecionados de acordo com os seus interesses econômicos e geopolíticos.

Os Estados Unidos utilizaram a comoção nacional e internacional causada pelos atentados de 11 de setembro de 2001 para atuar em todas as frentes possíveis.

FILME

Mandela: luta pela liberdade

De Bille August. África do Sul/Alemanha/Bélgica/Luxemburgo/Reino Unido, 2007.140 min.

Conta a história real de Nelson Mandela, no período de sua prisão.

No âmbito nacional, o governo de Washington criou a **Lei Patriótica**¹⁹, que deu amplos poderes ao governo do país para prender por tempo indeterminado, sem direito a visitas, qualquer suspeito de atos ou ligações com grupos terroristas. Permite, ainda, criar tribunais militares para julgar imigrantes, sem provas (que são secretas), sem direito a **habeas corpus** ou outros direitos e salvaguardas existentes no Sistema Criminal dos Estados Unidos.

Os julgamentos militares não são públicos, os tribunais podem condenar o réu à pena de morte e não existe possibilidade de apelação da sentença. Além disso, a polícia e a **CIA** (sigla em inglês para **Agência Central de Inteligência**) não precisavam de autorização para instalar grampos telefônicos, nem para violar a correspondência e as comunicações pela internet, eliminando os direitos civis mais elementares de uma democracia. A seção conhecida como 215 da Lei Patriótica foi usada pela administração do presidente George Bush (1946-) e Barack Obama (1961-) como justificativa legal para permitir que a **Agência de Segurança Nacional (NSA**, na sigla em inglês) coletasse registros de milhões de telefonemas. Em 2015, esta seção expirou sem ser renovada pelo congresso.

Após a Guerra do Afeganistão, centenas de prisioneiros – encarcerados nas bases militares estadunidenses de Guantánamo (Cuba) (figura 17) e de Bagram (Afeganistão) e em prisões nos Estados Unidos – ficaram incomunicáveis e com direito de defesa restrito. Após a guerra contra o Iraque, prisioneiros de Abu Ghraib – penitenciária no Iraque controlada pelos Estados Unidos – foram submetidos a tortura, revelando outra face terrível das ações terroristas praticadas pelo Estado.

O governo de Barack Obama, apesar de posicionar-se de forma crítica sobre as ações internacionais empreendidas pelo governo de George W. Bush, preferindo dar ênfase ao uso da diplomacia, não retirou o combate ao terrorismo internacional do centro da política externa dos Estados Unidos, prorrogou a Lei Patriótica e não conseguiu fechar a prisão em Guantánamo, como havia prometido. No entanto, proibiu o uso da tortura e o fim do envio de prisioneiros para países onde eles possam sofrer perseguição – para amenizar as críticas recebidas pelo país por suas violações aos direitos humanos – e retirou as tropas do Iraque em 2011.

Habeas corpus

Ação judicial que visa proteger o direito de locomoção ameaçado por ato abusivo de autoridade.

FILME

Caminho para Guantánamo

De Michael Winterbottom.
Inglaterra, 2006. 95 min.

O drama de jovens britânicos de origem paquistanesa em viagem ao Afeganistão para participar de um casamento. Capturados pelas forças aliadas, que invadem o Afeganistão após o 11 de setembro, são enviados à prisão de Guantánamo, onde ficam detidos por mais de dois anos.

SHANE T. MCCOY/DEPARTMENT OF DEFENSE/HO/REUTERS/LATINSTOCK



Figura 17. Policiais conduzem detento da penitenciária da base naval da Baía de Guantánamo, em Cuba, 2002. No início de 2016, o presidente estadunidense Barack Obama apresentou um plano para fechar essa unidade prisional.

¹⁹ Esse assunto foi discutido no *Capítulo 3* do *Volume 2* desta coleção.

RÚSSIA E A GUERRA PREVENTIVA

Após a Chechênia declarar-se independente em 1991, ela foi alvo de ataques do exército russo. Segundo a Anistia Internacional, homens, mulheres e até crianças chechenas foram vítimas de execuções sumárias, torturas e maus-tratos pelas tropas de ocupação russa.

Além das ações do exército russo, a polícia chechena também foi denunciada por torturar civis e combatentes e por incendiar casas de famílias de suspeitos de terem ligação com os grupos guerrilheiros. Os próprios ativistas de direitos humanos são constantemente ameaçados – alguns sofreram atentados ou foram sequestrados e assassinados.

A reação do governo russo a um **atentado a uma escola de Beslan** (veja o *Entre aspas*) atribuído a rebeldes separatistas chechenos, em 2004, foi reproduzir a estratégia mais criticada entre aquelas adotadas pelo governo dos Estados Unidos após 11 de setembro: a guerra preventiva. O chefe do Estado-Maior Geral das Forças Armadas da Rússia anunciou a intenção do país em lançar ataques preventivos contra bases terroristas em qualquer país do mundo.

Em território russo, o ataque em Beslan serviu de pretexto para a tomada de medidas autoritárias como: a diminuição das atribuições do parlamento, o fortalecimento do executivo representado hoje pelo governo de Vladimir Putin e a suspensão da autonomia da unidade da federação e da eleição direta dos seus governos.

ENTRE ASPAS

Tragédia em Beslan

No dia 1º de setembro de 2004, um grupo de 30 terroristas invadiu uma escola em Beslan, na Ossétia do Norte. As crianças retornavam às aulas depois das férias. Cerca de 1.200 pessoas foram feitas reféns e mantidas sob ameaça: pais, professores, funcionários e alunos.

A ação terrorista foi reivindicada pelo grupo separatista radical checheno Chamil Bassaiev. Seus membros exigiam a libertação dos terroristas chechenos presos na Inguchétia, a retirada imediata das tropas russas da Chechênia e o fim de suas ações militares nessa república.

A operação de resgate feita pelas tropas russas foi desastrosa e classificada por diversas entidades internacionais como criminosa, dada a inabilidade em negociar com os terroristas e a falta de planejamento, tendo a própria população participado dos tiroteios e da invasão da escola para resgatar os reféns. No total, 335 pessoas foram mortas, sendo 200 delas crianças, e centenas de outras foram feridas.



Meninas ossetas choram ao visitar a escola tomada pelos terroristas em Beslan, em setembro de 2004.

AXIM MARMUR/AFP

Brasileiros contam experiência em região tida como “ninho de terroristas”

“Uma das 19 comunas que compõem a Grande Bruxelas, Molenbeek-Saint-Jean ocupa lugar de destaque nos noticiários internacionais desde os atentados terroristas de Paris, em 13 de novembro [de 2015]. [...]

Abdelhamid Abaaoud, apontado como mentor dos ataques, era um dos que morava naquela parte da capital belga, assim como Ibrahim Abdeslam e Bilal Hadfi, que se explodiram nos arredores do Stade de France, e Salah Abdeslam, irmão de Ibrahim e ainda foragido. [...]

Em uma entrevista concedida dois dias após os atentados, o ministro do Interior da Bélgica, Jan Jambon, chamou Molenbeek de ‘ninho de terroristas’. No mesmo dia, o primeiro-ministro do país, Charles Michel, também falou sobre o local, onde moram mais de 90 mil pessoas. ‘Quase sempre há um vínculo com Molenbeek. Temos um problema gigantesco ali’, afirmou.

Mas para o brasileiro Fernando Torres, que vive há 18 anos em Bruxelas e já passou dois deles morando em Molenbeek, há exagero. ‘Podia ter sido em qualquer outro lugar aqui’ diz [...].

Nos dias em que Bruxelas esteve sob estado de alerta máximo, ele relata ter visto muitos militares nas ruas e ‘um clima pesado’, mas procurou manter sua rotina. Apesar de soldados fortemente armados nos vagões de metrô e de um carro blindado na porta da creche de seu filho mais novo, de um ano, ele garante que não sentiu medo.

‘Não vi uma ameaça real e não acho que iriam cometer algum atentado justamente aqui’, diz Torres, que afirma continuar se sentindo mais seguro na Bélgica do que se estivesse no Brasil.

Ele conta ainda que sua convivência com a comunidade islâmica sempre foi amistosa, e que já chegou a ser cumprimentado em árabe quando morava em Molenbeek, por pessoas que pensavam que ele era marroquino. ‘Não vejo aquele lugar como o tal ninho de terroristas que falaram. O problema é que exis-

tem uns fanáticos que distorcem a religião, mas isso poderia ter acontecido em qualquer canto’, opina.

Torres diz ainda que percebeu que a população estava dividida, nos dias de alerta máximo, entre os que se assustaram realmente e os que acreditavam que o governo belga estava exagerando e criando um clima mais tenso do que o necessário.

Gisele Alves, que mora em Bruxelas há 11 anos, concorda em parte com essa avaliação e admite que ficou em pânico por alguns dias, mas que foram justamente cidadãos belgas que conseguiram tranquilizá-la. ‘Os belgas mesmo não estavam com tanto medo quanto os imigrantes, eles acharam realmente que teve um pouco de exagero’, lembra.

Ela conta que o filho de um de seus patrões foi quem mais a acalmou, garantindo que, caso realmente existam terroristas em Molenbeek, aquele seria o último lugar que eles atacariam. ‘Acho que eles iriam mirar alvos sem muçulmanos’, conclui.

Gisele faz serviços de limpeza em diversas comunas, e mora em Berchem-Sainte-Agathe, perto de Molenbeek, onde estuda seu sobrinho de dez anos. Ela diz que já tentou convencer sua irmã a tirar o menino de lá, mas voltou atrás ao reconhecer que a escola, onde cerca de 70% dos alunos são muçulmanos, é muito boa. Uma vez por semana Gisele vai a Molenbeek para buscar o menino após as aulas.

Ela diz que após a captura de envolvidos nos atentados de Paris e o decreto do estado de alerta, acabou ficando um pouco desconfiada sempre que se depara com muçulmanos em locais como o metrô. ‘Eu sei que não deveria ser assim, mas é automático, acho que é uma reação instintiva’, explica, lembrando como exemplo o dia em que entrou em um vagão quase vazio e viu um jovem muçulmano carregando uma mochila. Naquele dia, conta, os outros dois ou três passageiros que ali estavam acabaram se sentando todos próximos, longe do rapaz. [...]”

Brasileiros contam experiência em região tida como ‘ninho de terroristas’. G1, 10 dez. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com>>. Acesso em: dez. 2015.

1. No bairro de Molenbeek vivem hoje quase 100 mil pessoas, de mais de 100 nacionalidades, a maior parte imigrantes árabes, entre eles uma grande comunidade muçulmana. É um dos bairros mais pobres e mais jovens de Bruxelas, com alto nível de desemprego. Considerando essas informações, discuta com seus colegas a expressão “ninho de terroristas” usada pelo ministro belga para se referir ao bairro.
2. Quais situações de preconceito foram manifestadas por um dos brasileiros citados no artigo? O comportamento é justificado? Como você teria reagido a uma situação idêntica?

1. Compare o terrorismo de Estado ao terrorismo praticado por grupos políticos ou facções religiosas.
2. O fundamentalismo islâmico tem sido uma força poderosa em muitas sociedades muçulmanas e uma preocupação global dada a proliferação de movimentos políticos extremistas, violentos e radicais. Caracterize-o considerando esses aspectos.
3. Explique a charge a seguir relacionando-a ao contexto sul-americano da segunda metade do século XX.



4. A *Time* é uma revista de notícias semanal publicada em Nova York (Estados Unidos), desde 1923. Uma de suas marcas é estampar em sua capa a

“pessoa do ano”, um reconhecimento a indivíduos que tiveram notoriedade diante do contexto histórico em vigor, para o bem ou para o mal. As capas que seguem anunciam a morte de duas personalidades que marcaram o mundo de forma negativa, em dois momentos diferentes da história relativamente recente da humanidade.



Capa da revista *Time*, de 7 de maio de 1945.



Capa da revista *Time*, de 20 de maio de 2011.

- a) Qual a mensagem da capa? O que as pessoas nelas representadas têm em comum?
- b) Explique o que diferencia os personagens presentes nas capas em relação ao tema tratado no capítulo.

ENEM E VESTIBULARES

1. (Unicamp-SP 2013)

“Na América Latina, África, Ásia e Europa, a violência deixou uma marca de sofrimento e luto no contexto de regimes ditatoriais, guerras civis ou invasões ao longo do século XX. Passados os conflitos, as próprias sociedades têm buscado estabelecer a verdade sobre os crimes ocorridos. Neste contexto, mais de 30 países do mundo criaram Comissões da Verdade, que são organismos de investigação não judiciais.”

Adaptado de Museo de la Memoria y los Derechos Humanos. Disponível em: <www.museodelamemoria.cl/el-museo/sobre-el-museo/comisiones-de-verdad/>. Acesso em: 20 ago. 2012.

As Comissões da Verdade

- a) surgiram em países que tiveram experiências traumáticas, como as ditaduras no Chile e Brasil, e foram organizadas durante as lutas de resistência aos regimes ditatoriais.
- b) sustentam que o conhecimento do passado interessa às vítimas e seus familiares, devendo ficar restrito a esse universo privado.

- c) constituem instrumento político que tem como objetivo o estabelecimento de sentenças judiciais aos culpados e o pagamento de indenizações às vítimas.
- d) existem em vários países, o que indica que as práticas autoritárias não foram um fenômeno de uma só nação, nem se restringiram a uma única forma de conflito.

2. (Uece 2014) *Apartheid* é um termo que define a política de segregação racial e territorial, que tem como objetivo separar as diferentes “raças” existentes em um território.

Até o início da década de 1990, o país em que esta política prevaleceu fortemente foi o(a)

- a) Sudão.
- b) África do Sul.
- c) Namíbia.
- d) República Popular do Congo.